



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**  
**CAMPUS I-CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE-CCBS**  
**CURSO DE PSICOLOGIA**

**VALÉRIA BEZERRA DA SILVA**

**A PSICOLOGIA NAS SITUAÇÕES DE EMERGÊNCIAS E DESASTRES: UMA  
REFLEXÃO HUMANISTA**

**CAMPINA GRANDE-PB**

**2013**

**VALÉRIA BEZERRA DA SILVA**

**A PSICOLOGIA NAS SITUAÇÕES DE EMERGÊNCIAS E DESASTRES: UMA  
REFLEXÃO HUMANISTA**

**Trabalho de conclusão de Curso apresentado como pré-requisito para obtenção do título de Licenciatura e Bacharelado em Psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba. Área de atuação: Clínica-Abordagem Centrada na Pessoa. Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Carla de Sant’Ana Brandão Costa**

**CAMPINA GRANDE – PB**

**2013**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

S586p Silva, Valéria Bezerra da.  
A psicologia nas situações de emergências e desastres  
[manuscrito] : uma reflexão humanista / Valéria Bezerra da  
Silva. – 2013.  
41 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia)  
– Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências  
Biológicas e da Saúde, 2013.

“Orientação: Profa. Dra. Carla de Sant’Ana Brandão Costa,  
Departamento de Psicologia”.

1. Psicologia humanista. 2. Atuação profissional. 3. Estado  
emocional. I. Título.

21. ed. CDD 155.2

**VALÉRIA BEZERRA DA SILVA**

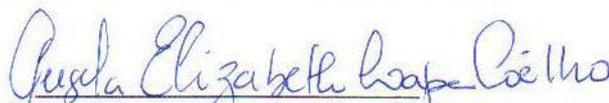
**PSICOLOGIA NAS SITUAÇÕES DE EMERGÊNCIAS E DESASTRES: UMA REFLEXÃO HUMANISTA**

**Aprovada em 22/ 08 / 2013**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao Curso de Graduação em **Psicologia** da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de psicólogo.



Prof. Dra<sup>a</sup> Carla de Sant'Ana Brandão Costa  
Orientadora –Dept. de Psicologia da UEPB



Prof. Dra<sup>a</sup> Angela Elizabeth Lapa Coêlho  
Examinadora - Prof do Depto de Psicologia do UNIPE



Prof. M.e Sérgio Murilo Araújo Duarte  
Examinador- Prof. do Dept de Psicologia da UEPB

Dedico este trabalho aos meus pais José Bezerra da Silva e Ana Ferreira da Silva, assim como a minha irmã Rosineide Bezerra da Silva, com imenso carinho, pelo exemplo de vida que sempre me deram e por me possibilitarem acreditar no meu potencial.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo dom da vida, pela força, paciência e determinação durante todo o curso.

A minha mãe, pela compreensão e disponibilidade para me ajudar nos momentos mais delicados, através de suas orações e conselhos e principalmente por todo o amor que sempre me deu.

A meu pai (*in memoriam*), embora fisicamente ausente, sempre sentia sua presença ao meu lado, dando-me força.

A meus irmãos e irmãs por toda ajuda e apoio ao longo da conclusão desse curso.

A todos os amigos e amigas que estiveram ao meu lado durante o curso.

A meu noivo Eronildo, pelo amor, carinho, apoio e atenção.

Aos professores do Curso de Psicologia da UEPB, por toda aprendizagem que me possibilitaram ao longo desses cinco anos de graduação.

Aos meus professores do ensino fundamental e médio pelos ensinamentos.

A minha orientadora Professora Carla de Sant'Ana Brandão Costa pela dedicação e ajuda indispensável na elaboração desse trabalho.

“Ainda que o mesmo fato aconteça simultaneamente para uma multidão de pessoas, cada um interpretará a partir de si mesmo, dando a um único acontecimento inúmeros significados. Seu mundo é absolutamente único, só existe a partir de você e está completamente vinculado a seu nível de consciência sobre si e sobre o próximo.” (Flávio Siqueira).

## RESUMO

Vivemos numa sociedade na qual é crescente a patologização do humano, a cada atualização dos livros de psiquiatria aumenta o número de novas doenças. Esta realidade corresponde à chamada medicalização da vida cotidiana. Com isso, as potencialidades, capacidades, e competências humanas passam a ser subestimadas. Contrária a essa perspectiva patologizante, a Psicologia humanista, que tem como um dos principais representantes Carl Rogers, tem entre os seus pressupostos básicos a ênfase na valorização da pessoa humana, nas suas capacidades e potencialidades inerentes. Ao longo da vida, nós, seres humanos, estamos sujeitos, direta ou indiretamente, a vivenciar diversas situações, sejam elas de perdas, conquistas ou mal-estar. Muitas destas podem gerar sofrimento físico e mental e o modo como iremos encarar cada uma delas é peculiar. Várias são as situações provocadoras de sofrimento para o ser humano, no entanto, dentre as mais perturbadoras e geradoras de mal-estar para a vida humana estão às circunstâncias de desastres e emergências. Assim, considerando os contextos de adversidades, pretende-se estudar as contribuições da Psicologia, para a compreensão e minimização do sofrimento humano, tendo como base os princípios e conceitos da Psicologia humanista. Destarte, apreendemos que numa situação de desastre e emergência os princípios humanistas colaboram para o acolhimento e minimização do sofrimento das vítimas e possibilitam condições para que o sujeito expresse sentimentos decorrentes da tragédia. Portanto, a psicologia cumpre um papel fundamental na minimização do sofrimento das vítimas. Durante a atuação dos profissionais envolvidos no apoio, é essencial uma postura humana, baseada nos princípios humanistas.

**PALAVRAS –CHAVE:** Emergências e desastres; Psicologia humanista; sofrimento humano; atuação do psicólogo.

## **ABSTRACT**

We live in a society in which there is an ever-growing pathology of human beings, in every update of psychiatry books there is an increase in the number of new diseases. This reality corresponds to the so-called medicalization of everyday life. Therefore, the human potential, capabilities and skill become underestimated. Contrary to this pathologized perspective, humanistic psychology, whose main representative is Carl Rogers, has among its basic emphasis the value of a human person, and their inherited capacity and potential. Throughout life, we as human beings are subject, directly and indirectly, to experience different situations and adversities, whether they are losses or gain. Many of these can lead to physical and mental suffering and the way each of us handle them can be peculiar. There are many provocative situations that can lead to suffering of humans, however, often the cause of the most disturbing of malaise for humans are the circumstances of disasters and emergencies. Thus, based on the humanistic psychology and considering the contexts of adversity, we intend to study the contributions of psychology to understand and minimize human suffering. To start, we observe that in a situation of disaster or emergency, the humanistic principles collaborate to host and minimize the suffering of victims and provide conditions for the subject to express feelings that may arise from the tragedy. Therefore, psychology plays a fundamental role in the lessening of suffering of the victims. During the work of the professionals involved in the support of victims, it is essential to maintain a human posture based on the humanistic principles.

**Key-words:** Emergencies and disasters; humanistic psychology; human suffering; psychologist performance.

## **Sumário**

<b>Introdução.....</b>	<b>10</b>
<b>Capítulo 1 - Caracterizando as situações de emergências e desastres.....</b>	<b>13</b>
1.1- Importância da inclusão dos profissionais de psicologia no cuidado com vítimas de emergências e desastres .....	17
<b>Capítulo 2 - O Papel da psicologia nas situações de emergências e desastres .....</b>	<b>21</b>
<b>Capítulo 3 - Os princípios básicos da psicologia humanista e suas articulações com o cuidar das vítimas de situações de emergências e desastres.....</b>	<b>28</b>
<b>Considerações finais .....</b>	<b>36</b>
<b>Referências .....</b>	<b>38</b>

## Introdução

Vivemos numa sociedade na qual é crescente a patologização do humano. A cada atualização dos livros de psiquiatria aumenta o número de novas doenças ou novos diagnósticos. Esta realidade corresponde a chamada medicalização da vida cotidiana, onde o foco é o adoecimento, patologias, doenças e insuficiências humanas. Com isso, as potencialidades, capacidades, habilidades e competências humanas passam a ser subestimadas, ou mesmo desconsideradas. Deste modo, prega-se o uso indiscriminado de remédios ou “pílulas da felicidade”, tendo como intuito ajudar as pessoas a lidar com a situação geradora de sofrimento psíquico. Não se trata, aqui, da defesa da erradicação dos remédios psiquiátricos, pois, em determinados casos estes são eficientes e necessários. No entanto, o que vivemos atualmente é uma completa medicalização da vida cotidiana, na qual diversos comportamentos ou expressão humana são considerados patológicos. Assim, a medicalização surge para normalizar ou enquadrar o sujeito ao padrão dito normal pela sociedade. Diante disso, a subjetividade, bem como a individualidade humana, se tornam cada vez mais secundárias sob algumas perspectivas. O ser diferente passa a ser considerado ‘anormal’.

Contrária a essa perspectiva patologizante, a Psicologia humanista, que tem como um dos principais representantes Carl Rogers, tem entre os seus pressupostos básicos a ênfase na valorização da pessoa humana, das capacidades e potencialidades inerentes, por considerar a tendência à autodireção, a tendência natural para o crescimento pessoal, desde que sejam possibilitadas determinadas condições. Nesta mesma vertente, encontra-se também a Psicologia Positiva de Martin Seligman, que afirma ser o sujeito capaz de lidar com as adversidades da vida por possuir, diante de situações difíceis e geradoras de sofrimento, a capacidade de superação. A esta capacidade, dá-se o nome de resiliência. Tanto a tendência para o auto direcionamento e crescimento, quanto à resiliência, indicam a capacidade de transformação, adaptação ativa e superação do ser humano. Porém, para o desenvolvimento destas capacidades são necessárias condições básicas fomentadas pelo suporte emocional no contexto sócio - familiar, nas relações afetivas e sociais durante situações de perdas, de fragilidade e de dificuldades.

Estas disposições humanas perante as situações e contextos adversos têm sido bastante estudadas e observadas em pessoas que vivenciaram alguma situação de desastre e emergência ao longo da vida. Na última década, a Psicologia tem contribuído e ocupado um

espaço importante na ajuda a essas pessoas que passam por situações de desastres e emergências. Assim, segundo Bruck (2007), a Psicologia das emergências, neste sentido, é um tema que ele denomina como sendo de angústia pública. O autor nomeia de angústia pública o sentimento difuso de mal estar que surgem nas situações ou acontecimentos estressores como, por exemplo, nos acidentes de trânsito com vítima, enchentes, incêndios, etc. É, pois, nesse contexto que a Psicologia pode e deve estar inserida, cumprindo com seu papel social e humano através de uma atuação ética, responsável e engajada com o outro, que no momento tão difícil como numa situação de desastre necessita de um apoio psicológico, fundamental para a minimização de seu sofrimento psíquico.

Ao longo da vida, nós, seres humanos, estamos sujeitos, direta ou indiretamente, a vivenciar diversas situações, sejam elas de perdas, conquistas ou mal-estar. Muitas destas podem gerar sofrimento físico e mental e o modo como iremos encarar cada uma delas é peculiar, ou seja, cada pessoa enfrenta a situação a partir de como a percebe. Assim, a maneira como cada um entende o contexto que esta vivenciando, assim como as capacidades pessoais de cada sujeito, influencia no modo de lidar com as adversidades cotidianas. Várias são as situações provocadoras de sofrimento para o ser humano, no entanto, dentre as mais perturbadoras e geradoras de mal-estar para a vida humana estão às circunstâncias de desastres e emergências. Ocasões como estas podem provocar angústia, desorganização psíquica, paralisação, tristeza, dor, sentimento de desolação e impotência, sendo assim o sujeito encontra-se num grande “desequilíbrio”. Em consequência, sente-se mais vulnerável aos riscos e doenças físicas e psíquicas devido ao sofrimento oriundo da situação “inesperada”. No entanto, percebe-se que algumas pessoas conseguem superar o evento traumático “melhor” que outras, ou seja, apesar de toda a aflição envolvida, conseguem minimizá-la e preservar sua saúde e bem estar.

Considerando as diferentes formas das pessoas reagirem e lidarem com as situações de desastres por elas vivenciadas, bem como com as consequências destas, tem-se o intuito de estudar como vítimas de desastres, mesmo diante de perdas afetivas, familiares, patrimoniais e sociais, conseguem superar as adversidades e encontram “equilíbrio” para reelaborar e dar continuidade aos projetos de vida. Assim, considerando os contextos de adversidade, pretende-se estudar as contribuições da Psicologia, para a compreensão e minimização do sofrimento humano, tendo como base os princípios e conceitos da Psicologia humanista. Neste sentido, qual seria o papel do psicólogo numa situação em que são também necessários cuidados como primeiros socorros, abrigos, remédios, alimentos, água? Qual e como deve ser

a atuação desse profissional neste contexto? Quais as suas contribuições na minimização do sofrimento decorrente da situação traumática? Deste modo, a pesquisa nessa área é relevante, pois possibilitará um maior conhecimento sobre o papel da psicologia nas situações de desastres e emergências considerando as capacidades humanas frente as adversidades da vida.

Portanto, o presente estudo tem como objetivo geral estudar o papel da psicologia nas situações de emergências e desastres. Além disso, tem entre os objetivos específicos discutir sobre o papel Psicologia e dos psicólogos na minimização do sofrimento humano em situações de emergências e desastres, bem como, estudar as contribuições da psicologia humanista na compreensão das necessidades humanas frente a situações de emergências e desastres.

## Capítulo 1 - Caracterizando as situações de emergências e desastres

O desastre pode ser entendido como o resultado de eventos adversos ou críticos, entre eles, aqueles naturais ou provocados pelo homem, sobre uma população vulnerável, causando diversos danos e prejuízos humanos, materiais, ambientais econômicos e sociais (BRUCK, 2007). Assim, o desastre se caracteriza como evento ou situação que coloca o sujeito diante de perdas, sociais, familiares e patrimoniais. O comportamento e os processos sociais afetam e são afetados por todos os estágios dos desastres, desde o período pré-desastre ao impacto e aos estágios da recuperação (KREPS, 1984; TIERNEY, 1989 apud COELHO, 2011).

A capacidade de ajuste e os recursos materiais, psicológicos, sociais e físicos da comunidade são elementos essenciais para definir quando um evento destrutivo poderá conduzir ao desastre, pois, tais recursos colaboram bastante no enfrentamento. Por conseguinte, estes também se referem à preparação de profissionais para lidar com a situação, os trabalhos preventivos, as instituições e apoios que são possíveis solicitar, assim como as tecnologias disponíveis que podem ser úteis tanto na prevenção quanto durante a ocorrência do desastre. Por exemplo, os efeitos de uma enchente ou terremoto podem variar em diferentes lugares do mundo, pois, algumas sociedades desenvolvem recursos tais como as tecnologias para diminuir os efeitos das enchentes e terremotos e constroem planos de emergência mais eficazes (TIERNEY, 1989 apud COELHO, 2011). Neste sentido, deve se considerar que:

Qualquer evento adverso pode provocar um desastre, ou seja, causar danos e prejuízos quando incidir em comunidades que não estão preparadas para enfrentá-lo. Por isso, hoje existe uma tendência em se considerar as ações e omissões humanas em todos os desastres, pois são elas que criam as condições para que estes fenômenos ocorram em maior ou menor intensidade (em certas situações) e para que produzam maiores ou menores impactos (LOPES, COSTA, SOARES, FURTADO, ALVES, SOLINO, CARTAGENA 2010, p.28).

As agências internacionais definem desastre como “uma severa ruptura ecológica e psicológica, que excede a capacidade de enfrentamento da comunidade afetada” (WHO, 1992, apud COELHO, 2011p. 2). De acordo com o Conselho de Psicologia do Paraná (CRP-08 p.16), citado por Farias, Scheffel, Schruher Jr. (2011) calcula-se que para cada pessoa atingida ou afetada por um evento de desastres há, no mínimo, quatro indivíduos traumatizados psicologicamente. Sendo assim, se percebe a necessidade de uma assistência profissional especializada diante de tais eventos.

O Instituto Brasileiro do Meio Ambiente-IBAMA (2002) caracteriza os desastres de acordo com a evolução, origem, e intensidade. Assim, ainda segundo o IBAMA, quanto a evolução, existem três tipos: os *agudos* (ou súbitos), estes têm como característica a rapidez

dos efeitos, pois frequentemente são devastadores, ou seja, destroem rapidamente o local atingindo. Entre estes estão os deslizamentos, enxurradas, vendavais, incêndios nas instalações industriais e em edificações com grandes quantidades de usuários, abalos sísmicos, etc; os *graduais* (ou crônicos), que são aqueles que trazem as consequências e danos ao longo do tempo e de forma mais lenta, como as secas, erosão, desertificação; e o terceiro tipo, classificado de desastre por *somação*, que são aqueles de efeitos parciais, como os acidentes de trânsito, acidentes de trabalho, violência urbana, entre outros. No caso desta última modalidade de desastre, “*um exemplo a ser citado são os acidentes de trânsito, a somatória de inúmeras ocorrências parecidas pode representar um total de prejuízos que, por fim, ultrapassa os causados pelos desastres mais visíveis, como enchentes e vendavais*” (LOPES, 2010, apud, FARIAS, SCHEFFEL, SCHRUBER Jr., 2011, p.6).

Em relação a classificação dos desastres, o IBAMA (2002) estabelece, ainda, a tipologia em relação à origem do desastre, que pode ser situado como: *natural*, *humano* e *misto*. No que se refere às causas naturais, estas envolvem, de acordo com o IBAMA, os terremotos, enchentes, tsunamis e as secas, os quais têm entre os fatores causais as questões climáticas e geográficas. Sobre os desastres que tem origem *humana*, o autor ressalta aqueles causados por ações e/ou negligência de pessoas. É possível citar, neste caso, os acidentes de transporte, conflitos religiosos, guerras, acidentes químicos, doenças, entre outros. Temos como exemplo mais recente de desastre por fator humano no Brasil, o incêndio da boate Kiss, na cidade de Santa Maria - RS, que resultou em 242 mortes, segundo o jornal o Globo<sup>1</sup>. Quanto aos desastres de fator misto, (natural – humano), ainda de acordo com o IBAMA (2002), são aqueles referentes à falta de infraestrutura urbana e escassez dos serviços essenciais, como o desemprego, pobreza, etc; provocando conseqüentemente um clima de incertezas, falta de esperança e revolta, podendo assim promover desastres humanos relacionados à violência urbana e conflitos sociais. Em relação a esta modalidade de origem dos desastres, Lopes, *et al* (2010, p.27) destaca que:

(...) os desastres provocados por ações e omissões humanas podem ser subdivididos em três: Os Tecnológicos decorrentes do uso de tecnologias, destacando os relacionados aos meios de transporte, produtos perigosos e explosões, entre outros; Os Sociais, resultantes do desequilíbrio nos inter-relacionamentos econômicos, políticos e sociais, tais como o desemprego, a marginalização social, a violência e o tráfico de drogas, entre outros. E por

---

<sup>1</sup> Boate Kiss: Parentes de vítimas vão recorrer ao conselho superior do MP contra decisão; por Flávio Ilha, “Jornal O Globo”, publicado em 16/07/13. Disponível em:< <http://oglobo.globo.com/pais/boate-kiss-parentes-de-vitimas-va-recorrer-ao-conselho-superior-do-mp-contradecisao-9054338?topico=tragedia-em-santa-maria>>

fim os Biológicos ocasionados pelo subdesenvolvimento, da pobreza e da redução da deficiência dos serviços promotores da saúde pública.

Por fim, a classificação do IBAMA (2002) estabelece ainda a tipologia de desastres em relação a intensidade do evento, que é analisada de acordo com o nível, sendo de Nível I os desastres de pequeno porte ou acidentes; Nível II, os desastres de meio porte; Nível III, desastres de grande porte; e Nível IV, desastres de muito grande porte. Percebe-se que à medida que aumentam os níveis, cresce a gravidade ou efeitos desastrosos do evento. De acordo com Brasiliano citado por Farias (2011), os desastres também se classificam pela sua duração, sendo crônicos ou episódicos. Os primeiros causam sérios prejuízos no ambiente, principalmente em longo prazo, entre eles os eventos de secas e erosões; os segundos são ressaltados pelo autor em conformidade com a dimensão e impactos em curtos espaços de tempo, como exemplos os terremotos, vulcões, etc.

A partir destas classificações, é possível perceber que um desastre pode envolver uma série de fatores, causas, consequências e vítimas, e a maneira como estes se apresentam recebe diversas influências, dentre estas, a dos aspectos climáticos, geográficos, bem como a maneira como estes são explorados ou utilizados por uma população. No enfrentamento da ocorrência de situações de desastres também influencia o uso dos recursos e estratégias disponíveis, como também os trabalhos desenvolvidos pelas instituições e comunidades vulneráveis para prevenção e consequente diminuição do impacto. No Brasil, ainda há poucas e frágeis estratégias para o enfrentamento às situações de desastres, especialmente em relação as estratégias antecipatórias a desastres já esperados, como aqueles classificados como crônicos.

No Brasil, os desastres de maior prevalência são os por somação de efeitos parciais, seguidos pelos graduais ou de evolução crônica. Os desastres por somação de efeitos parciais são os que produzem mais volume de danos e de prejuízos ao longo dos anos. Por isso, há uma tendência para considerar que os desastres no Brasil são pouco importantes, o que não corresponde à realidade epidemiológica do País. Os desastres são extremamente importantes e causam anualmente um grande volume de danos, que podem ser evitados, caso o Programa de Prevenção de Desastres seja priorizado. (BRASIL, 2007, p.28).

Na tentativa de minimizar os efeitos dos desastres, Lopes, *et al* (2010) destaca as ações da Defesa Civil na redução de seus impactos, bem como do sofrimento humano que antecede e decorre destas circunstâncias, pois necessitam do envolvimento dos diversos setores da sociedade, por meio de entidades, organizações, públicas e privadas. Portanto, Lopes, *et al* (2010) enfatiza que as atividades e intervenções não podem compor uma tarefa isolada, pois

isso envolve custos elevados, sendo assim, é essencial à mobilização e participação daqueles que compõem a sociedade.

Assim, de acordo com o Ministério de integração nacional (2007), apesar de a Defesa Civil ser o órgão responsável pelo planejamento e desempenho das ações em eventos de desastres (de acordo com o Decreto nº 5.376, de 17 de fevereiro de 2005, que dispõe sobre o Sistema Nacional de Defesa Civil - SINDEC e o Conselho Nacional de Defesa Civil), este precisa contar com o apoio, colaboração e participação dos diversos setores da sociedade numa situação que se caracterize como de emergência, conforme destacado em seu Art. 6º:

Art. 6º O Conselho Nacional de Defesa Civil - CONDEC, órgão colegiado de caráter normativo, deliberativo e consultivo integrante da estrutura regimental do Ministério da Integração Nacional, tem por finalidade a formulação e deliberação de diretrizes governamentais em matéria de defesa civil, e tem por competência: (...) V- promover estudos referentes às causas e possibilidades de ocorrência de desastre de qualquer origem, sua incidência, extensão e consequência; (...) XXIII - propor critérios técnicos para análise e aprovação de obras e serviços destinados a prevenir riscos, minimizar danos e recuperar áreas deterioradas por desastres; XXIV - dar prioridade ao apoio às ações preventivas e às demais relacionadas com a minimização de desastres (BRASIL, 2007, p.4; 6).

Percebe-se que as intervenções e ações da Defesa civil, bem como da comunidade e de profissionais envolvidos em trabalhos com populações vulneráveis não se restringem ao momento do desastre, pois o trabalho é muito mais amplo. Diversos trabalhos podem ser desenvolvidos objetivando a minimização do impacto do desastre, por isso, é possível se referir a atividades antes, durante e pós-desastre. Sendo assim, Lopes, *et al* (2010) frisa que a participação ou inserção do Psicólogo e outros profissionais de outras áreas na situação de desastre e na sua gestão é essencial, pois estes profissionais podem atuar em diferentes fases ou momentos do evento. Ainda segundo a autora, os trabalhos destes profissionais podem ser realizados destacando os seguintes aspectos: *a prevenção*, através de uma atividade que possibilite a consciência comunitária sobre o assunto e entender como as pessoas percebem os riscos aos quais estão expostas, bem como mapear áreas de risco; e a fase da *recuperação ou pós-desastre*, quando os referidos profissionais podem estar inseridos no atendimento às pessoas afetadas, na administração dos abrigos e no desenvolvimento de planos de reconstrução, entre outros. Nesta direção, ressalta que o trabalho da Defesa Civil não está restrito à situação pós- desastre:

Durante muito tempo, o trabalho de enfrentamento aos desastres, por parte da Defesa Civil brasileira, concentrou-se nas ações desenvolvidas após o impacto do evento adverso, envolvendo o socorro, a assistências pessoas atingidas e a reabilitação do cenário do desastre. É por isso que muita gente, ainda hoje, associa as ações de defesa civil à coleta,

organização e distribuição de donativos, ao repasse de recursos públicos para áreas atingidas por desastres naturais ou a coordenação de serviços de segurança pública e de defesa civil (LOPES *et al*, 2010, p.24).

Diante disso, nota-se que a noção de apoio quando já ocorrido o evento não se resume apenas aos primeiros momentos ou dias do desastre. Tal apoio deve se estender o tempo necessário para as vítimas que precisam de ajuda, como também para aqueles que, direta e indiretamente, foram atingidos. Além disso, cada indivíduo tem suas características pessoais para apreender, bem como resignificar sua experiência. Outros fatores também devem ser considerados como: as características do evento, dimensão dos estragos, danos e consequências a curto e longo prazo. O respeito ao tempo subjetivo de cada sujeito é fundamental, pois, passado o impacto inicial, com os primeiros socorros, o indivíduo vai tomando consciência das perdas e junto a isso vem o sentimento de incerteza, insegurança e tristeza.

### **1.1- Importância da inclusão dos profissionais de psicologia no cuidado com vítimas de emergências e desastres**

De acordo com Bruck (2007), a insegurança provocada diante do imprevisto, a possibilidade de algo inimaginável se tornar realidade como, por exemplo, o ataque as torres gêmeas nos Estados Unidos; e, no Brasil, o incêndio no Gran Circo Americano<sup>2</sup> e, recentemente, na boate Kiss. Situações como estas podem gerar “angústia pública”, ou seja, ao estresse e a um sentimento de mal estar, resultante de uma situação limite. Sobre isso, o autor comenta:

Uma atitude de estar muito aberto ao novo, consciente do desafio de ver-se em situações complicadas que exigem criatividade e competência, pode demandar uma necessidade de mudar o modo de agir, podendo torna-se necessário modificar a imagem que uma pessoa tenha de si próprio, é imprescindível que toda a ação conte com o autoexame ou autocrítica ( BRUCK,2007,p.53)

Assim, quanto mais a pessoa está aberta às resignificações, menos estática e estagnada está sua personalidade (FUJISAKA 2009, p.65). Para Rogers (1977), na medida em que o sujeito está aberto para sua experiência o funcionamento de sua personalidade flui, e ele torna-se mais flexível no decorrer da assimilação de experiências novas. Tal flexibilidade e

---

<sup>2</sup> Folha de S. Paulo: O incêndio no circo a policia solta o principal suspeito. São Paulo, 20 de dezembro de 1961. Disponível em:< <http://acervo.folha.com.br/fsp/1961/12/20/2/>>

assimilação do ‘novo’ permite ao indivíduo manter um estado de acordo entre a noção de eu e a experiência, ou seja, entre o que ele pensa/percebe sobre/em si, o modo como ele age frente a determinada situação e a percepção de tal experiência vivenciada. Percebe-se assim a importância do sujeito estar aberto para novas experiências, pois como enfatizado, tal flexibilidade, contribui na reelaboração e na maneira do indivíduo perceber e lidar com suas vivências, especialmente quando se trata de situações catastróficas. Nesta direção, podemos considerar que as vítimas de situações desastrosas enfrentam uma mesma situação de diferentes formas, haja vista a capacidade de cada para lidar com as perdas decorrentes.

No que concerne as vítimas dos desastres, estas podem ser classificadas em seis níveis (TAYLOR e BRUCK, 2009; *apud* FARIAS, SCHEFFEL, SCHRUBER Jr. 2011 p.7):

Vítimas de primeiro grau são as que sofrem o primeiro impacto direto das emergências ou desastres, com perdas materiais e danos físicos; vítimas de segundo grau são os familiares e amigos das anteriores; vítimas de terceiro grau são as chamadas vítimas ocultas, constituídas pelos integrantes das equipes de primeiros auxílios, como o Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU), bombeiros, médicos, psicólogos, policiais, pessoas da defesa civil, voluntários e outros; vítimas de quarto grau é a comunidade afetada em seu conjunto; vítimas de quinto grau são as pessoas que ficam sabendo através dos meios de comunicação; vítimas de sexto grau são aquelas pessoas que não se encontravam no lugar do acontecimento por diferentes motivos.

Diante de um cenário tão difícil de uma catástrofe são necessárias diversas mobilizações para ajudar as vítimas. De acordo com Silveira (2011), inicialmente, o Estado e a sociedade devem garantir as necessidades básicas da população atingida por meio da instalação de abrigos provisórios para aqueles que perderam suas casas, alimentação, remédios, e os cuidados médicos imediatos. Para o autor, após esse momento inicial, muitas vezes, nada mais se consegue realizar ou fazer para acompanhar as vítimas, suas famílias e comunidade. Sendo assim, Silveira (2011) destaca ainda que é nesse cenário multifacetado que a Psicologia encontra um amplo campo de atuação através de suas intervenções, tanto a nível individual como também grupal. Bruck destaca:

O socorro tradicional visa o apoio material, a recuperação da saúde, moradia, alimentação e demais necessidades básicas. O apoio emocional, especialmente dentro das questões da vulnerabilidade é recente, sendo que entre nós não há dispositivos ou protocolos utilizados em organizações como a Defesa Civil, ou mesmo o SAMU ou o Corpo de Bombeiros, que ainda encontram-se disputando espaços de poder, mas com pouca produção que participe das discussões mundiais sobre o tema (BRUCK, 2007, p.120).

Então, depois dos primeiros socorros àqueles que objetivam atender inicialmente as necessidades básicas, como os cuidados físicos, ferimentos, dores no corpo e os possíveis riscos a saúde das pessoas (contaminação, lixo, produtos inflamáveis etc), é possível o planejamento das intervenções psicológicas adequadas e necessárias. Para isso, são indispensáveis algumas informações sobre o evento trágico, como número de vítimas, como

elas estão, ou seja, seu estado de saúde, onde estão às famílias que perderam parentes e, às vezes, seu próprio lar; se existe algum parente ou amigo que pode dar algum apoio; os riscos e estragos, ou seja, faz-se necessário ter a noção das necessidades dos atingidos pela tragédia. Em relação a tais necessidades, Bruck afirma que:

Na experiência que adquiri acompanhando as missões de socorro, talvez a única coisa que eu possa afirmar seja a necessidade das vítimas, quando conscientes, de avisar um familiar daquilo que tinha lhe acontecido. Fica clara, a importância de um vínculo nestes momentos. Se a pessoa contar com alguém para oferecer esta ajuda já estará sendo dado um primeiro passo para a recuperação emocional. Esta ajuda é simples, e por isto, delicada e sutil, onde falar nem sempre é o mais importante. (BRUCK, 2007, p.127)

Segundo Ramirez (2011), entre os objetivos do trabalho dos profissionais da saúde mental nessas situações está oferecer apoio emocional aos familiares que perderam seus parentes, lhes proporcionar os auxílios básicos de saúde mental no começo do processo do luto<sup>3</sup>, o qual vai desde a fase de *negação*, caracterizada pela não aceitação da perda e pela enorme dor diante do vazio deixado, à fase da *aceitação*, que tem como características a elaboração do luto, ou seja, a pessoa aceita a perda com maturidade e consegue seguir sua vida apesar, da saudade e/ou falta do outro.

Na atenção às pessoas vítimas de situações de desastres o cuidado com a saúde vai muito além, portanto, dos cuidados físicos. O suporte emocional é indispensável, bem como o apoio social, que pode ser oferecido pelos diversos setores que compõem a sociedade, dentre eles: as religiões, as políticas públicas, assim como os líderes políticos e de opinião, a mídia, empresários, comunidades, pessoas disponíveis a ajudar, entre outros. A mobilização e envolvimento destes diversos setores têm como objetivo ajudar aqueles (as) que estão ou foram expostos a uma situação de desastre e emergência. De acordo com Lopes, *et al* (2010), o envolvimento das pessoas dispostas a ajudar, bem como das organizações, visa à transformação de uma realidade social, ou seja, a mudança de algum aspecto da realidade imediata para outra realidade. A autora considera essencial que todos aqueles que estejam colaborando ou ajudando percebam e identifiquem a necessidade do que se quer mudar, e juntos busquem as alternativas e recursos possíveis. É importante que as pessoas e grupos sejam capacitados para a ação, pois as mudanças são decorrentes de ações continuadas.

---

<sup>3</sup> De acordo com (BOWLBY, 1985 apud KOVÁCS, 1992, p.1), o processo do luto refere-se a quatro fases: A primeira seria a fase do choque que tem a duração de algumas horas ou semanas e pode vir acompanhada de manifestações de desespero ou de raiva. A segunda fase seria a do desejo e busca da figura perdida, que pode durar também meses ou anos. A terceira seria a fase de desorganização e desespero, onde a esperança intermitente, os desapontamentos repetidos, o choro, a raiva, as acusações, podem ser manifestações desta fase. Por fim, a fase de alguma organização, onde se processa uma aceitação da perda definitiva e a constatação de que uma nova vida precisa ser começada.

Diante disso, é possível compreender que o apoio e ajuda nessas situações vai muito além do aspecto econômico – financeiro, pois cada pessoa ou protagonista envolvida tem sua história e, conseqüentemente, seus projetos de vida, objetivos, prioridades, singularidades e conquistas. É importante para aqueles que irão colaborar com seu saber e fazer profissional ter essa noção durante suas intervenções.

Nessa perspectiva, o mais importante não são as condições do contexto, mas a percepção que cada um tem de sua experiência, e esta, por sua vez, é baseada na história de vida do sujeito, suas vivências, aprendizagens, dificuldades, desafios, interesses entre outros aspectos que refletem na maneira como cada um se percebe ao longo da vida e no modo como encara as situações ou experiências que surgem na nela. Podemos afirmar, portanto, que:

O homem contemporâneo tem marcas. Marcas de experiências, de lutas de sofrimentos. Marcas de ausência, presença, conquistas, perdas. Marcas que traduzem ou revelam quem ele é, como foi sua história, como é o seu vivido, como planeja seu futuro. Sua forma de estar no mundo, seu olhar diante dos acontecimentos e o modo como se relaciona desvelam, para aquele que se dispõe a ouvir, todo o arsenal de conhecimento a respeito de si e daquilo que o cerca, que parece brotar da própria angústia a revelação das dimensões do sofrimento e da fragilidade humana (PEREIRA e CALDAS, 2012, p.255).

A valorização da percepção do sujeito sobre sua experiência é elemento central da fenomenologia que, através do método fenomenológico<sup>4</sup> de Husserl, sistematiza a descrição, redução e compreensão da experiência do sujeito, pois, “o fenômeno é para Husserl simplesmente aquilo que se oferece ao olhar intelectual, à observação pura, e a fenomenologia se apresenta como um estudo puramente descritivo dos fatos vivenciais do pensamento e do conhecimento oriundo dessa observação” (GILES, 1975, p. 132).

Tal sistematização permite notar que o olhar fenomenológico possibilita entender melhor a singularidade do sujeito perante sua percepção sobre a vida, assim como os significados que este dá para suas experiências. Sendo assim, entende-se que cada indivíduo atribui um significado para suas vivências ao longo da vida, possui uma maneira particular de lidar, olhar e dar sentido ao fenômeno que se apresenta, ou seja, dar sentido à sua experiência.

Na perspectiva fenomenológica, a consciência adquire um novo significado, totalmente diferente daquele existente até então. Ela é definida como percepção, de modo que não há separação e oposição entre os dados sensível e racional no ato de apreensão das coisas. Nossas experiências constituem a fonte de todo o conhecimento, sendo este adquirido no

---

<sup>4</sup> A trajetória fenomenológica consiste em três momentos que compõem a sequência de aplicação do método: a descrição, a redução e a compreensão. As descrições revelam as estruturas do fenômeno, as experiências, buscando a essência naquilo que aparece e se mostra. O segundo momento consiste em determinar e selecionar quais partes da descrição são essenciais, pondo em suspenso todas as afirmações relativas às vivências, para somente então compreendê-las e explicitá-las. O terceiro momento consiste na compreensão fenomenológica, que é também interpretativa. O movimento da passagem do individual para o geral resulta das convergências, divergências e idiosincrasias que se apresentam nos casos individuais (MERIGHI, 2003, apud, GOMES et al, 2008 p.148).

próprio mundo, um mundo que existe ao nosso redor e que só passa a existir efetivamente para nós quando lhe atribuímos um sentido. O mundo está aí mesmo, ele é inesgotável, pois o conhecimento que podemos ter dele é em perspectiva, ou seja, há várias possibilidades ou ângulos de apreendê-lo, dependendo das nossas vivências (MOREIRA, 1997, p.403).

Portanto, compreende-se a partir do olhar fenomenológico que numa situação de desastre e emergência, perante o sofrimento ocasionado pelo evento, é necessária uma visão particular de cada sujeito envolvido. Cada um através de sua história e vivências perceberá e atribuirá um significado único, particular, para a sua experiência. Sendo assim, é possível afirmar que mesmo passando pela mesma situação, como num desastre, cada uma das vítimas irá perceber e lidar com esse momento a partir do modo como percebe essa experiência. As diferentes percepções, significações, expressões de sofrimento e de enfrentamento, por parte de cada pessoa afetada por uma catástrofe, requer o olhar e atenção individualizados a fim de fomentar as necessidades mais particulares de cada caso.

## **Capítulo 2 - O Papel da psicologia nas situações de emergências e desastres**

A inserção do psicólogo nas ações de desastres vem sendo reconhecida desde início do século XX através de estudos e pesquisas de profissionais que buscaram observar melhor as emoções e reações psicológicas das pessoas afetadas por um desastre. Segundo Coêlho, citado por Farias, Scheffel, Schruher Jr. (2011), o primeiro estudo sobre a inserção do psicólogo na área de desastres ocorreu no ano de 1909, através do psiquiatra Edward Stierlin, que tinha como objetivo entender as ações relacionadas às emoções dos indivíduos envolvidos em desastres. Em 1944, Lindemann realizou o primeiro estudo sobre a intervenção psicológica no pós-desastre através de uma avaliação sistemática das respostas psicológicas dos sobreviventes e de seus familiares no incêndio do Clube Noturno Coconut Grove, em Boston, EUA (CARVALHO, BORGES 2009, p.3).

De acordo com Alamo (2007), citado por Carvalho, (2009), foi nos anos de 1960 e 1970 que a Psicologia buscou analisar, assim como estudar, as reações individuais no pós-desastre. Assim, em 1970, a Associação de Psiquiatria Americana publicou um manual sobre primeiros auxílios psicológicos em casos de desastres, no qual são apresentados alguns tipos de reações clássicas aos desastres e os princípios básicos para identificar pessoas que estão abaladas emocionalmente (CARVALHO, 2009).

No que se refere aos primórdios da inserção do trabalho da Psicologia em situações de desastres no Brasil, temos como o acidente radioativo com o Césio-137, em Goiânia-GO, em

1987(CHEMELLO, 2010). De acordo com Carvalho, (2009), em 1992 a UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro, a UnB - Universidade de Brasília e a UCG - Universidade Católica de Goiânia se engajaram num trabalho conjunto com uma equipe de Psicólogos Cubana, com experiência nesse tipo de atuação por terem atuado no Acidente Nuclear de Chernobyl. Em parceria com tais universidades, psicólogos colaboraram no atendimento aos afetados pelo Césio-137, adaptando o mesmo programa utilizado em 1986 em Chernobyl às demandas da comunidade atingida.

No Brasil, tem havido seminários objetivando discussões e propostas de atuações na área da Psicologia, pois cada vez mais se reconhece e se valoriza a importância do trabalho do psicólogo na reconstrução ou reabilitação da saúde mental dos atingidos por uma catástrofe. Segundo o Conselho Federal de Psicologia (CFP) (2011), no I seminário Nacional de Psicologia das Emergências e dos Desastres, realizado em 2006, em Brasília-DF, foram iniciadas as discussões sobre a atuação da Psicologia no desenvolvimento de uma consciência social sobre os problemas decorrentes dos desastres, tendo como intuito enfatizar a prevenção e também à atenção às vítimas em situações de desastres. No ano de 2011 foi realizada na mesma cidade a segunda edição do Seminário Nacional de Psicologia das Emergências e dos Desastres e, de acordo com o CFP, dentre os temas abordados, incluiu-se o histórico da atuação deste Conselho no tema das emergências e desastres, assim como a possibilidade de atuação da psicologia das emergências e desastres em sua interface com a defesa civil.

Deste modo, diante da participação e atuação cada vez mais frequente de Psicólogos (as) nos trabalhos direcionados às vítimas de eventos catastróficos, o CFP publicou em maio de 2013, no seu site, uma nota técnica sobre atuação de psicóloga (o)s em situações de emergências e desastres, relacionadas com a política de defesa civil e, nas considerações gerais, destaca o seguinte:

As situações de emergências e desastres que vêm atingindo inúmeras áreas no Brasil nos últimos anos e, especialmente, as consequências que esses acontecimentos geram / trazem para a população atingida e para a sociedade, motivaram o Sistema Conselhos de Psicologia a elaborar uma Nota Técnica para nortear o trabalho que as (os) psicólogas (os) desempenham, especificamente, em tais situações, seja como profissional contratado ou como voluntário. Nos dois casos, ela(e) estará agindo como psicóloga (o) e; conseqüentemente; está submetido às determinações e exigências do Código de Ética e outras regulamentações normativas que regem a profissão, inclusive terem o registro ativo no CRP da sua área de jurisdição. Espera-se, com isso, esclarecer algumas questões que surgiram com mais frequência neste cenário. Todo exercício da Psicologia é regido pelo Código de Ética que deve ser do conhecimento do profissional, norteador assim a sua prática em qualquer âmbito de atuação (CFP, 2013).

Ainda de acordo com o CFP (2013), no que concerne ao exercício profissional da Psicóloga (o) bem como o que diz respeito às pessoas afetadas, direta ou indiretamente, e que

sofreram as consequências do evento catastrófico como perdas prejuízos, e danos, recomenda-se uma atenção maior na prática psicológica para não causar ou possibilitar a vitimização ou patologização dessas pessoas. Para se evitar isso, o CFP destaca uma conduta profissional ética baseada na defesa da garantia de direitos e sendo proibida a indução ou manipulação de qualquer natureza do protagonismo dessas pessoas, conforme os Princípios Fundamentais e o Art. 2º, b, do Código de Ética: Induzir a convicções políticas, filosóficas, morais, ideológicas, religiosas, de orientação sexual ou a qualquer tipo de preconceito, quando do exercício de suas funções profissionais (CFP, 2005, p.9).

Destarte, a Psicologia das emergências e desastres tem como foco a atuação para a minimização do sofrimento diante de uma realidade traumática, pois, tais momentos trazem consequências difíceis para a vida de muitas pessoas ao mesmo tempo e exigem delas forças pessoais para vencer as dificuldades decorrentes do desastre. Para Ramírez (2011), se faz essencial que o profissional de psicologia possibilite e busque aliviar o sofrimento humano, para o autor este é um princípio fundamental na intervenção psicológica em emergências e desastres. Assim:

A psicologia das emergências postula, em primeiro lugar, a emergência do humano. Isto não significa ficar colado no drama, que é o emocionalismo e a paralisia diante da tristeza. Significa discutir e buscar as teorias e práticas que possam oferecer caminhos, sempre levando em conta a experiência e o contexto que aparecem as situações de crise. Os atendimentos de emergências mexem com todos nós (BRUCK 2007, p.48).

De acordo com Marcomini (2010), o trabalho da Psicologia nas emergências inclui a reconstrução do que a autora chama de “tecido social esfacelado”, sendo possível atuar após o trauma e durante todo o processo de reconstrução não apenas física, mas também social. A vivência e o significado de um evento de desastre é algo singular para cada pessoa envolvida ou exposta a tal situação considerada traumática. Além disso, a maneira como percebe e lida com a situação de desastre tem influência de suas experiências anteriores, sua percepção de risco, ou seja, a noção que o sujeito possui sobre os perigos e vulnerabilidades que está exposto, suas condições sociais e econômicas, bem como as perdas envolvidas. Para Lopes:

A carga traumática para cada indivíduo afetado ocorre também em função de sua organização psíquica prévia. Desastres que poderiam ser classificados como de média gravidade podem produzir forte impacto em algumas pessoas e em outras não. O inverso também pode acontecer, embora seja menos provável. (LOPES *et al*, 2010, p.118),

A adequação da intervenção da psicologia vai depender, contudo, “da forma como configuramos as fontes de insegurança bem como da forma como dimensionamos as capacidades de resposta das comunidades” (MATTEDI, 2008, p.163). Deste modo, se devem

garantir algumas orientações aos agentes responsáveis e aos voluntários em relação a algumas atitudes necessárias durante as primeiras providências, dentre estas: garantir o fornecimento de água, condições de higiene adequadas e de segurança, que são essenciais por se tratarem de componentes iniciais importantes para a reorganização dos afetados. Outro fator que merece atenção, de acordo com Lopes, *et al* (2010), é a necessidade de segurança afetiva das pessoas, a qual é definida pela relação afetiva estabelecida com quem está à sua volta, ou seja, parentes, amigos, assim como, pelo acolhimento dos profissionais e voluntários. Portanto, nas situações que se caracterizam como de emergência e desastre, são importantes todos os apoios disponíveis: família, comunidade, poder público, amigos e profissionais, a curto e longo prazo, pois essas situações são, na maioria das vezes, muito destruidoras e exigem tempo para as pessoas e comunidade retomarem suas vidas.

Sobre as fases de intervenção, Ramirez (2011) ressalta, ainda, a importância da gestão de risco de saúde mental, a qual se refere a todas as ações e intervenções que devem ser desenvolvidas antes da tragédia. Portanto, o autor enfatiza na prevenção da doença mental, bem como promoção da saúde mental antes, durante e depois da tragédia. Para Coêlho (2011), ao se avaliar os efeitos, consequências e estragos de um desastre é essencial analisar as vulnerabilidades das pessoas e o risco com o qual elas têm de lidar no seu cotidiano, em vez de apenas enfatizar o agente físico que ocasionou o desastre. Além disso, em nível de assistência social, Ventura destaca que:

É importante ressaltar que o acompanhamento deve sempre focar a ação para o retorno da família à proteção social básica, que propõe o fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários e tem como caráter fundamental a prevenção das situações de riscos sociais. Outra questão fundamental é que a etapa de acompanhamento pós-emergencial mantém seu caráter intersetorial, a fim de a família receber atenção das diversas políticas de proteção social (VENTURA, 2011, p.53).

Em relação às ações posteriores ao evento, ou seja, após a fase da emergência, Ramirez (2011) enfatiza que se deve avaliar o impacto do desastre sobre a saúde mental dos afetados. Para isso, destaca alguns aspectos importantes durante o planejamento das intervenções, que têm como foco à recuperação da população ou comunidade atingida. Segundo o autor, após a realização dos atendimentos essenciais que permitem o início do processo de reestabelecimento das condições normais da comunidade atingida (alimentação, abrigos, higiene, etc) faz-se necessário usar as estratégias e intervenções disponíveis para reduzir o estresse dos profissionais e voluntários, pois, mesmo sendo afetados de forma indireta pela tragédia, essas pessoas se encontram em meio a uma situação difícil e de muito sofrimento. Assim, para o sucesso destas intervenções, é relevante, segundo Silveira (2011),

organizar as atividades e capacitar os psicólogos que estão à frente dessas atividades para produzir “competência técnica” e, além disso, buscar apoio das políticas públicas para atender de maneira mais competente os atingidos, possibilitando ao psicólogo se inserir e atuar de modo competente e abrangente neste contexto.

Podemos, assim, destacar como foco do trabalho nas situações de emergências e desastres a reconstrução e reabilitação, ou seja, nos processos de reparação a médio e longo prazos referentes ao aspecto físico, mental, social e econômico.

Percebe-se, assim, a importância dos recursos desenvolvidos pela sociedade e pelo poder público na superação e reabilitação pós-ocorrência desses eventos, assim como, na prevenção das consequências dos mesmos através de fomento de informação às comunidades sobre seus riscos, de sensibilização e capacitação para oferecer apoio capaz de responder adequadamente as necessidades, minimizando o impacto do evento em sua saúde mental (RAMÍREZ, 2011, p.71).

Corroborando Rogers (1977), quando se refere à necessidade de um ambiente ou condições favoráveis para o sujeito crescer enquanto pessoa, entende-se que em tais situações estes recursos ou condições a que se refere são proporcionados pelo o apoio da família, comunidade, amigos, políticas públicas, serviços de saúde, instituições, voluntários, profissionais e a população de modo geral.

Finalizada as etapas de intervenção, Ramirez (2011) afirma também que as equipes de saúde, assim como os voluntários envolvidos nas ações, devem realizar uma “desmobilização psicológica”, ou seja, um momento que lhes permita compartilhar os seus pensamentos e sentimentos diante dessa tarefa onde a prioridade sobre os cuidados está no outro. Refere-se, então, a uma ocasião de troca de experiências, reflexões, coleguismo e ressignificações pessoais e grupais da situação em que os membros da equipe estão envolvidos.

Percebe-se, assim, que o processo de promoção da saúde mental não tem um tempo ou fator determinado para começar e finalizar, pois, deve ser constante e de acordo com cada realidade psicossocial. Suas ações devem focar não só o processo do sofrimento decorrente do trágico, mas também na prevenção, de modo a trabalhar junto à comunidade frisando suas capacidades e potencialidades e proporcionar condições favoráveis para a tomada de consciência das potencialidades que muitas vezes ficam latentes, bem como são por vezes subestimadas. Isso possibilita que o sujeito enfrente as dificuldades e adversidades da vida através de seus recursos próprios, independente da situação ou evento, evitando, assim, o uso abusivo de medicamentos que algumas vezes são ingeridos como tentativa de diminuir o estresse e a angústia decorrentes da situação do desastre.

Por vezes, a medicação é o recurso mais adequado, entretanto, é importante facilitar junto às vítimas as possibilidades decorrentes de seus recursos pessoais. “O significado de todo evento é uma interação complexa entre o evento, o passado e o presente da pessoa, bem como o seu contexto social” (COELHO, 2011, p.1).

Nesta direção, Rogers (1977) afirma que, é, pois, a capacidade do ser humano tomar consciência de sua experiência, de avaliá-la, verificá-la e corrigi-la que demonstra sua tendência inerente ao desenvolvimento em direção à maturidade e crescimento pessoal e, assim sendo, em direção à autonomia e à responsabilidade.

Portanto, um aspecto fundamental ao longo de todas as intervenções do profissional da Psicologia no contexto de emergência é a escuta psicológica, pois, esta ressalta a demanda emocional imediata e/ou emergente do sujeito. Para Schmidt (2004), a escuta psicológica é pensada e praticada, tendo como base o acolhimento do sofrimento imediato do sujeito e visa, portanto, acolher e responder a demandas por ajuda psicológica. Pensando em um cenário de desastre onde os atingidos direta ou indiretamente encontram-se fragilizados emocionalmente em consequência das perdas e do contexto difícil, a escuta torna-se um recurso adequado e eficiente. Sendo assim, a escuta se refere à técnica ou primeiro recurso de ajuda psicológica. Sobre isto, é importante ressaltar a capacitação do profissional da psicologia, pois, se faz necessário adotar atitudes ou posicionamentos adequados na relação com as vítimas. Assim, torna-se relevante uma postura isenta de julgamentos de valor e que demonstre aceitação e acolhimento em relação à pessoa que esta sendo escutada.

A escuta empática<sup>5</sup> favorece que a pessoa afetada possa se expressar e perceber que esta sendo compreendida e entendida. Segundo Rogers (1977), uma atitude empática refere-se à capacidade de colocar-se no lugar do outro, apreender a experiência a partir do referencial do outro, sem restringir-se aos aspectos unicamente emocionais.

A atitude empática se faz essencial ao profissional da Psicologia, pois, cada indivíduo entende, compreende e dá um sentido para sua vivência a partir de um olhar específico sobre si e suas experiências. Assim sendo, a maneira como cada pessoa percebe e enfrenta as situações que surgem ao longo de sua trajetória, recebe influência direta da imagem construída sobre si mesma. Assim, do ponto de vista da perspectiva humanista, tendo como base o enfoque fenomenológico, podemos destacar que:

---

<sup>5</sup> O termo “empatia” foi criado pela Psicologia clínica para indicar a capacidade de se imergir no mundo subjetivo do outro e de participar da sua experiência, na extensão em que a comunicação verbal e não verbal o permite. Em termos mais simples, é a capacidade de se colocar verdadeiramente no lugar do outro, de vê-lo como ele o vê (ROGERS; KINGET. 1977 p.104).

Na perspectiva fenomenológica existencial, “sentido” é o modo como a experiência humana é compreendida da forma como o sujeito a vive: as coisas do mundo, o que são e como são têm significado para o homem, elas se expressam no ser do homem, dando consistência a ele (ao homem) a seu fazer e ao seu saber (CRITELLI, 1996, apud, PEREIRA e CALDAS, 2012, p. 256).

Percebe-se, então, a importância do psicólogo compreender fenomenologicamente a experiência do sujeito em adoecimento ou sofrimento, especialmente àqueles em sofrimento decorrente de desastre. De acordo com Lopes, *et al* (2010), o psicólogo pode atuar nas ações que envolvem o atendimento aos abrigados, assim como na direção e planejamento das ações dos membros da equipe de ajuda, “sensibilizando-os quanto à escuta acolhedora e sem preconceitos” (LOPES, *et al* p.125). Por conseguinte, destaca também algumas posturas importantes diante das primeiras intervenções psicológicas, dentre elas:

Adotar uma atitude de escuta responsável e empática, que permita a pessoa afetada expressar, é o melhor recurso na assistência psicológica de urgência. Não tentar resolver, responder, ou mesmo esclarecer todas as perguntas que os afetados o fazem sobre os aspectos referentes às causas do desastre. Não tentar acalmá-los, convencendo-lhes de que as suas impressões sobre o evento estão equivocadas. Manter o autocontrole: quem oferece a primeira ajuda deve controlar seu próprio comportamento. Disposição para trabalhar em equipe (LOPES *et al*, p.125).

Nota-se que o trabalho da Psicologia acontece desde a prevenção, não se resumindo ao pós-desastre, sendo assim, é importante afirmar que é essencial o apoio das políticas públicas tanto nas ações de prevenção quanto nas de reconstrução.

Em relação à atuação do psicólogo na etapa pós-emergencial, Ventura (2011) afirma a importância do trabalho desse profissional no acompanhamento das famílias atingidas pelas catástrofes, apoiando-as no enfrentamento das perdas. Na esfera da assistência social Ventura situa o trabalho do psicólogo em três níveis de proteção.

A proteção social básica, por meio das equipes dos Centros de Referência da Assistência Social (Cras); a proteção social especial de média complexidade, mediante os Centros Especializados de Assistência Social (Creas); e a proteção social especial de alta complexidade, por meio de abrigos e instituições de longa permanência (VENTURA 2011; p.53).

Em <sup>6</sup>entrevista ao Conselho Regional de Psicologia 05º Região – CRPRJ, a psicóloga Angela Coêlho anuncia que o trabalho se amplia nas inúmeras áreas de atuação da Psicologia, indo desde “a prevenção, a partir de atividades em escolas, unidades básicas de saúde (UBS) e Centros de Referência e Assistência Social (CRAS), buscando utilizar as metodologias participativas, por meio das quais a comunidade poderá expor o que interessa a ela trabalhar”.

<sup>6</sup> Fonte:< <http://www.crprj.org.br/publicacoes/jornal/jornal29-angela-coelho.pdf>>

A amplitude do trabalho do psicólogo permite-nos supor que há poucos limites na atuação. Desde que pautada nos princípios éticos da profissão e direcionada à minimização do sofrimento humano, a intervenção psicológica parece ser necessária e urgente, pois esta, juntamente aos demais procedimentos de emergência, possibilitará a reorganização de pessoas e de comunidades inteiras, especialmente do ponto de vista psíquico, permitindo a cada uma das pessoas afetadas a retomada do curso normal de suas vidas, apesar das perdas.

### **Capítulo 3 - Os princípios básicos da psicologia humanista e suas articulações com o cuidar das vítimas de situações de emergências e desastres**

Os princípios humanistas, tais como liberdade, responsabilidade, autenticidade, visão positiva do homem, entre outros elementos subjacentes ao pensamento humanista, ampliaram o olhar sobre o ser humano, favorecendo o desenvolvimento de importantes avanços na psicologia a partir de 1960, com desdobramentos na atuação dos psicólogos desde então. Especialmente nesta última década, após significativas mudanças de paradigmas na saúde e nas propostas de atenção por meio das políticas públicas, a intervenção de base humanista nas ações em prol da saúde permitiu um olhar amplo sobre as pessoas em situações de enfrentamento e diante de condições que geram sofrimento, tais como nos desastres e emergências. Assim, percebe-se que a Psicologia tem muito a colaborar para a humanização em momentos difíceis que trazem, geralmente, um sofrimento em massa, pois, de acordo com Coêlho (2011), o significado de um desastre para os sobreviventes determina não só como a situação é vivenciada, mas, também como a recuperação ocorre.

A psicologia humanista possui como modelo de ciência, uma visão integral do homem respeitando sua complexidade. Neste sentido:

Os humanistas, reeditando em novas versões propostas da Psicologia Compreensiva de Dilthey, da perspectiva holista da Psicologia da Gestalt, da primeira Fenomenologia de Husserl, e dos questionamentos existencialistas sobre a singularidade e irracionalidade da existência concreta, tendem a acordar que a Psicologia deve se afirmar em um modelo de ciência do homem, respeitando e se adaptando às especificidades de seu objeto de estudo. (BOAINAIN, 1994, p.11)

Sendo assim, a psicologia humanista busca compreender o homem a partir do todo, ou seja, como um *ser-no-mundo*. As origens do humanismo na psicologia norte americana se entrelaçam com o surgimento da fenomenologia e do existencialismo moderno europeu, especialmente em relação ao foco na existência humana e suas singularidades. De acordo com Siqueira (2008, p.1), “a Psicologia Humanista fundamenta-se nos pressupostos da

Fenomenologia e Filosofia Existencial; é centrada na pessoa e não no comportamento, visa à compreensão e o bem-estar da pessoa não a interpretação e o controle”. Além disso, enfatiza a condição de liberdade e responsabilidade do ser humano, opondo-se ao foco na análise do comportamento, ressaltado pelo Behaviorismo, e no aspecto determinista do inconsciente no processo de formação da personalidade, defendido pela Psicanálise.

De acordo com Giovanetti (2003), o conceito histórico-cultural do humanismo se situa no período do Renascimento europeu - entre os séculos XV – XVI, tendo como finalidade uma volta aos estudos dos autores clássicos grego-latinos. “Desta maneira, a recuperação dos grandes modelos de sabedoria do pensamento antigo possibilitava o crescimento do homem, assim como, por outro lado, o humanismo como possuidor de um significado ideal (GIOVANETTI, 2003; p.26)”. Os primórdios do humanismo colocam o homem como centro de todas as coisas, contrariando a filosofia cristã que, até então, colocava Deus como o centro de tudo. Durante o Renascimento europeu intensificou-se a produção artística e científica, colaborando para a ideia de um homem mais capaz que passa a ser o centro (antropocentrismo), diferentemente da ideia perpassada no período histórico anterior, a idade média, onde a vida humana estava centrada em Deus (teocentrismo).

No sentido estrito o humanismo é um movimento cultural, europeu, tendo seus primórdios já no século XIV e que esteve intimamente ligado a Renascença. O movimento cultural da Renascença precisa ser entendido em função do seu contexto. De algum modo, ele aparece como uma espécie de reação ao sobrenaturalismo medieval que naquela época, significava o desprezo pelo que é humano nada das coisas dessa vida é importante, a não ser aquilo que aqui é uma aquisição de méritos para a vida futura, eterna após a morte. A vida presente, nesse sentido não é levada a sério em sua consistência própria, não tem valor nenhum em si mesmo. O próprio homem, em si, em seu corpo não precisa ser cultivado um vez que seu destino é a morte. A saúde do corpo, a maturidade psicológica, não são importantes a não ser como substrato mínimo para as virtudes que preparam para a vida eterna. (AMATUZZI, 2008, p.13).

Sendo assim, o humanismo europeu, através de suas ideias, pensamentos e novos olhares em relação ao ser humano, acarretou importantes contribuições para o despertar da chamada Psicologia humanista. “O Humanismo trouxe para a Psicologia uma importante contribuição com sua atitude concreta em favor do homem (AMATUZZI, 2001, p.17, apud LIMA, 2008).” através da centralidade no humano, retomada nos Estados Unidos durante a década de 1940, resgatando os princípios humanistas Renascentistas e aplicando-os na concepção humanista desenvolvida na psicologia.

Assim, o humanismo europeu que deu respaldo para o movimento humanista americano, permitiu a ampliação do olhar sobre o homem no que se refere a sua

responsabilidade, capacidade, potencialidade, liberdade de escolha, bem como sua tendência para o crescimento e atualização. “O movimento humanista veio resgatar valores humanos esquecidos e reconstruir um novo foco ao homem enquanto ser concreto singular, repleto de valores e potencialidades (LIMA, 2008, p.7)”. Entre os principais representantes do humanismo estão Carl Rogers (1902-1987) e Abraham Maslow (1908-1970).

Deste modo, tal movimento na psicologia surge como uma reação a secundarização do homem e de suas capacidades. Nessa perspectiva, Rogers (1977) propõe em sua teoria um olhar mais positivo em relação ao homem e suas capacidades, confrontando, assim, os princípios de teorias que focavam no ser humano a partir de aspectos negativos e patologizantes. Para Rogers, o homem possui uma capacidade inerente para o crescimento, amadurecimento e atualização, os quais sintetizam o que ele denomina de Tendência Atualizante. De acordo com o autor:

A tendência à atualização é a mais fundamental do organismo em sua totalidade. Preside o exercício de todas as funções, tanto físicas quanto experienciais. E visa constantemente desenvolver as potencialidades do indivíduo para assegurar sua conservação e seu enriquecimento, levando em conta as potencialidades e os limites do meio (ROGERS, 1977, p.41).

Ainda se referindo à tendência atualizante, Rogers frisa a necessidade de condições favoráveis para que a mesma não se mantenha latente ao longo da vida do sujeito. Entre tais condições, ele ressalta a importância da liberdade experiencial, através da qual o indivíduo sente-se livre para vivenciar, elaborar e, se desejar, expressar suas experiências e sentimentos tal como os compreende e sente. Outra condição fundamental é a aceitação incondicional, ela dá condições para que a pessoa se sinta aceita e se aceite independente do julgamento dos outros. Então, conforme Rogers (1977), o desenvolvimento da atualização de modo eficaz não é ‘automático’, pois demanda certas condições, certo clima interpessoal, ou seja, um contexto de relações humanas positivas, favoráveis à conservação e valorização do “eu”, isto é, requer relações desprovidas de ameaça ou de desafio à concepção que o sujeito faz de si mesmo.

De acordo com Siqueira (2008), Maslow, considerado um dos fundadores da psicologia humanista, também contribuiu e influenciou no movimento humanista. “Durante toda a sua carreira interessou-se profundamente pelo estudo do crescimento e desenvolvimento pessoais e pelo uso da psicologia como um instrumento de promoção do bem estar social e psicológico (SIQUEIRA, 2008 p.4)” Enquanto Rogers se refere à tendência atualizante Maslow destaca a auto-realização, a qual se refere a capacidade do homem para explorar suas capacidades, potencialidades e habilidades, ou seja, sua capacidade para crescer

e realizar-se. Os conceitos, embora com denominações diferentes, têm significados bastante semelhantes, pois, segundo AmatuZZi (2008), ambos os autores possuem uma visão ou crença positiva sobre o homem e naquilo que ele expressa.

Essa visão positiva em relação ao ser humano proposta pelo o humanismo representa uma evolução muito importante não só para a psicologia, mas também para o próprio homem, pois, tal olhar repercute na representação e na percepção do homem sobre si. A consciência de si e do mundo ao longo da vida possibilita que o sujeito reconheça suas potencialidades e limites para lidar com as adversidades da vida, bem como perceba seu próprio crescimento e amadurecimento pessoal. Segundo Bruck (2007, p.20), “o desafio diante da crise, principalmente em uma situação inesperada, significa um momento de dor e sofrimento, mas, também pode representar uma oportunidade de crescimento, contribuindo para a formação de novas posturas em relação à vida”.

Nesta direção, a valorização das especificidades humanas pela psicologia humanista permite-nos o desenvolvimento de estudos, análises e compreensão da subjetividade humana, de aspectos antes (antes dos anos de 1960) negligenciados pelos estudos em psicologia, haja vista não serem palpáveis ou mensuráveis. Assim, do ponto de vista da psicologia humanista, a compreensão do mundo e da existência humana está integrada, homem e mundo são uno, indissociáveis. Neste sentido, não é possível compreender o homem sem a compreensão de seu contexto; ou compreender situações sociais sem o entendimento acerca das ações humanas. Nesta perspectiva, compreender o ser humano é, antes, compreender suas necessidades, dificuldades, sentimentos, percepções, de forma particular e específica. É entender o modo como cada ser humano percebe e vive cada situação e as consequências desta forma de viver. Assim, em contextos de emergências e desastres é necessário ter sensibilidade para observar de modo amplo a situação catastrófica e os danos gerados, e escutar e compreender de forma específica cada um dos afetados para entender suas necessidades e intervir sobre as mesmas.

Nessa perspectiva, Augras (2004, p.12) ressalta que “a saúde do indivíduo será avaliada em sua habilidade para manter o equilíbrio, mas, também, para superar a crise do ambiente através da sua capacidade criadora para transformar o meio inadequado em mundo satisfatório”. Sendo assim, percebe-se o quanto as capacidades e habilidades do sujeito tornam-se importantes diante do enfrentamento de situações adversas e que a saúde pode estar presente nos momentos de crise, pois, a maneira ou modo como o indivíduo vai lidar com a

situação possibilitará um momento de crescimento ou adoecimento psíquico. Deste modo, se faz essencial destacar a necessidade de intervenções direcionadas à promoção e prevenção da saúde nas comunidades, principalmente naquelas mais vulneráveis, visando a valorização e participação do sujeito no processo constante de manutenção e/ou busca de sua saúde, evitando ou minimizando as condições favoráveis ao adoecimento.

Através de intervenções promotoras de saúde é possibilitado ao sujeito uma melhor qualidade de vida através do acesso a cultura, lazer, trabalho, bem como por meio da orientação e reeducação para a mudança de hábitos objetivando o bem-estar do indivíduo. De acordo com Brandão, Araújo e Máximo (2011), atuar na promoção da saúde exige um olhar que se sobreponha ao foco na doença, trata-se de ações que visem transformar as condições de vida possíveis de gerar problemas de saúde.

Segundo Brasil (2010, p.17), “o principal objetivo da promoção da saúde é, pois, promover a qualidade de vida e reduzir vulnerabilidade e riscos à saúde relacionados aos seus determinantes e condicionantes modos de viver, condições de trabalho, habitação, ambiente, educação, lazer, cultura, acesso a bens e serviços essenciais”. E, ressalta ainda que a saúde é, também, produção da sociedade. Sendo assim, exige sua intensa participação, desde os usuários de serviços, movimentos sociais, trabalhadores da Saúde, entre outros, tanto na apreciação como na realização de ações e iniciativas que visem à melhoria da qualidade de vida.

Segundo Czeresnia (2003), as ações preventivas referem-se às intervenções dirigidas a evitar o aparecimento de doenças específicas, reduzindo assim sua incidência e prevalência nas comunidades. Neste sentido, o discurso preventivo tem como base o conhecimento e informação sobre algo que ofereça risco a saúde do homem. Assim, os projetos de prevenção e de educação em saúde são organizados através da divulgação de informação científica e de recomendações e orientações que visem mudanças de hábitos e atitudes.

É, pois diante desse trabalho de promoção e prevenção da saúde que a Psicologia deve também estar inserida. É principalmente neste campo que observamos a possibilidade de reflexão acerca dos princípios humanistas, que desde a sua origem estiveram relacionados às possibilidades do ser humanos para o crescimento, fortalecimento, superação, adaptação ativa, reorganização e busca do equilíbrio e saúde. Os princípios e conceitos da psicologia humanista que durante as décadas de 1970 e 1980 foram criticados e considerados frágeis assumem nova roupagem nos anos de 1980 por meio da psicologia positiva. A psicologia de orientação positiva emerge em terreno mais fértil que a psicologia humanista dos anos de 1960 em virtude das primeiras mudanças relativas às concepções de saúde, decorrentes de

ações de movimentos sociais e na saúde, propondo um olhar mais positivo acerca do ser humano, mais direcionado aos aspectos saudável e as possibilidades de crescimento (LEMOS e CAVALCANTE, 2006).

Assim, atualmente identificamos nas ações de prevenção e promoção à saúde princípios humanistas relevantes para constituição de estratégias junto às comunidades nas quais são identificadas determinadas necessidades. De modo mais específico, ao tratarmos da psicologia nas situações de emergências e desastres, cabe apontar princípios e conceitos da psicologia humanista que se coadunam com a proposta de intervenção em tais contextos, pois, tais princípios/conceitos além de respaldar esta prática, ainda recente na profissão, aponta para a necessidade de atenção ao ser humano com todas as suas necessidades e especificidades, considerando todo seu entorno familiar, social, econômico, afetivo visando compreender suas condições e, assim, atender adequadamente as suas necessidades diante de situações de tragédias e perdas.

Nesta direção, apesar de já termos estabelecido ao longo da discussão o diálogo entre o pensamento de Carl Rogers e a atenção às pessoas em situações de emergências, concluiremos esta discussão destacando alguns dos conceitos/princípios da Psicologia humanista que consideramos coerentes com a proposta de intervenção da psicologia nas emergências e desastres e, portanto, relevantes para subsidiar o trabalho dos psicólogos neste campo.

- **Compreensão do ser humano como um todo:** nas situações de emergências e desastres, conforme já discutido, a atenção global às vítimas vai desde os cuidados físicos e materiais ao suporte emocional. O olhar sobre o ser humano como um todo, tal como preconizado por Rogers e Maslow implica em observar e compreender a todas as suas necessidades, desde as necessidades materiais e físicas às necessidades sociais, psíquicas e espirituais. Neste sentido, para uma eficaz intervenção emocional se faz necessária a avaliação e compreensão das condições – em todos os aspectos, que a pessoa se encontra, a fim de entender as particularidades subjetivas de determinada situação para determinado sujeito.

- **Noção de Experiência:** a noção de *Experiência* para Rogers (1977) é “a capacidade do indivíduo expressar e sentir sua experiência de forma livre, sem receio de ser julgado, ele reconhece e elabora suas experiências e sentimentos pessoais como ele o entende”. Isto significa que a percepção de cada situação, bem como o modo como cada pessoa a vivencia tem significados, dimensões e proporções distintas. Assim, na atuação do psicólogo nas

situações de emergências e desastres não caberá, conforme já discutido, avaliar a gravidade emocional das pessoas de forma generalizada, nem em função da proporção das consequências. Cabe, a atenção individualizada, a avaliação do impacto da situação desastrosa sobre cada pessoa, inclusive, avaliando as condições de cada um para se reorganizar frente as perdas decorrentes da situação.

- **Tendência Atualizante:** Este conceito base da teoria rogeriana afirma que todo ser vivo possui uma predisposição para o crescimento, a preservação, a manutenção e o enriquecimento de si, desde que dadas as condições favoráveis para tal (ROGERS, 1977). Contudo, o próprio Rogers exemplifica em suas obras situações em que mesmo em condições mínimas para a manutenção ou crescimento (físico ou emocional) foi observado o desenvolvimento. Sabemos que em situações de emergências e desastres as condições, de um modo geral, não são propícias à saúde e bem estar, mas, também sabemos que condições mínimas podem ser criadas a partir da ação conjunta entre comunidade e os diversos setores da sociedade, visando o restabelecimento das necessidades básicas, a reabilitação das condições de organização e convívio familiar e social e o apoio mútuo, o atendimento emergencial à saúde física e mental, suprimento, dentre outras necessidades relevantes. Promovidas as condições mínimas para o desenvolvimento humano, será possibilitada a *atualização* das pessoas, em níveis coerentes com as possibilidades de enfrentamento de cada uma.

-**Empatia:** O termo empatia refere-se à capacidade de imergir na subjetividade do outro, participar de sua experiência. Para Rogers (1977), a empatia permite colocar-se no lugar do outro, perceber sua experiência tal como ele a percebe. Numa situação de desastre e emergência, a atitude empática do Psicólogo diante do sofrimento da vítima é algo fundamental, pois, possibilita que a pessoa em sofrimento se sinta entendida, compreendida, bem como acolhida. A empatia permite que o psicólogo, não só abranja a experiência do sujeito a partir do modo como ele a percebe, mas também reconheça seus sentimentos, entenda qual o significado da experiência para o indivíduo, assim como, tenha conhecimento da sua forma de enfrentamento perante a situação. Ao sentir que o outro compreende seus sentimentos o sujeito sente-se mais seguro no momento de expressá-los e, ao mesmo tempo, consegue reconhecê-los e senti-los verdadeiramente, sem medo de ser julgado, facilitando na elaboração e ressignificação de sua experiência.

**-Uma concepção positiva do desenvolvimento humano:** Diante do inesperado surgem angústia e insegurança ocasionada pela situação traumática. Inicialmente algumas pessoas podem não saber como recomeçar, seguir sua vida imersa em tantas dificuldades. Para Rogers (1977), sendo oferecidas as condições favoráveis para a tendência atualizante se desenvolver, o sujeito crescerá no sentido da maturidade. Para tanto, ressalta a importância do indivíduo tomar consciência de seus sentimentos, pensamentos e desejos para haver, assim, uma correspondência entre a experiência vivida e suas percepções. Tudo isso oferecerá condições para a pessoa avaliar, entender e perceber sua experiência e, conseqüentemente, superá-la e aprender com ela.

Compreendemos, assim, que mesmo diante de uma situação limite como a de um desastre, a pessoa pode crescer rumo à autonomia e responsabilidade, que para Rogers são características essenciais da maturidade. Apesar do sofrimento ocasionado pela situação de desastre o indivíduo é capaz de superar as dificuldades, crescer e aprender com a situação.

## Considerações Finais

A situação de emergência e desastre é considerada uma experiência ou vivência muito difícil para aqueles que se encontram ou passaram por tal circunstância, diversos fatores e características justificam tal visão. Por ser uma ocasião limite inicialmente pode surgir o desespero perante algo inimaginável e assim pode emergir no sujeito, vários sentimentos em consequência da vivência traumática.

Desse modo, é possível compreender que o indivíduo encontra-se em sofrimento e necessita de ajuda imediata, e esta deve ser oferecida pelos diversos setores da sociedade, desde as instituições públicas e privadas, as comunidades e voluntários. Sendo assim, vários serviços estão inseridos nessa ajuda, defesa civil, políticas públicas que visem à promoção e prevenção da saúde, a rede de saúde mental, os hospitais entre outros. Foi possível perceber que tal ajuda não se resume ao momento do desastre vai muito mais além, ou seja, necessita trabalhar de maneira preventiva tendo conhecimento das situações ou foco de risco. E durante a ocorrência e pós-desastre, oferecer e possibilitar todo apoio necessário desde os recursos humanos aos materiais, a todos os atingidos.

Durante a atuação dos profissionais envolvidos no apoio as vítimas, não só as técnicas e instrumentos são importantes no seu trabalho, uma postura humana ou baseada nos princípios humanistas é essencial no momento de acolher os atingidos. Já que isso poderá influenciar no seu enfrentamento ou modo de perceber a experiência. Pois, como ressaltado por Rogers ao notar que o outro entende o que esta sentindo, o sujeito sente-se compreendido e isso pode lhe ajudar na ressignificação e percepção da vivência. Entende-se também que cada indivíduo percebe a situação de um modo particular, com base na sua história, vivências e experiências. E isso precisa ser considerado também pelos profissionais.

Nessa perspectiva o psicólogo deve estar inserido, contribuindo na promoção e prevenção da saúde mental. Portanto em tal contexto de crise, esse profissional tem muito a cooperar e ajudar, e o seu principal recurso é a escuta psicológica. A escuta possibilita o acolhimento da demanda imediata do sujeito em sofrimento, e numa ocasião de emergência as pessoas atingidas demandam muitas falas sobre sua vivência, ou seja, querem ser ouvidas. Através da escuta empática o sujeito vai tomando consciência de seus sentimentos perante a situação, assim como ampliando sua percepção sobre sua experiência.

Com base nos pressupostos da Psicologia humanista de Rogers e Maslow, é possível ressaltar a importância dos recursos pessoais no momento de enfrentamento do evento traumático, para estes autores o sujeito é capaz de crescer rumo à maturidade mesmo perante uma situação repleta de dificuldades. As condições oferecidas e o modo como irá perceber a experiência influenciará no seu enfrentamento. Sendo assim, podemos afirmar que se deve ter cautela quanto ao uso de medicamentos que visem ajudar emocionalmente as pessoas vítimas de desastre, não negando sua importância em alguns casos, mas é preciso destacar a capacidade humana de lidar também com eventos de crise e dificuldades, como acontece num desastre.

Portanto, a psicologia cumpre um papel fundamental na minimização do sofrimento das vítimas possibilitando que as mesmas expressem seus sentimentos perante a experiência e que não fiquem presas no emocionalismo, assim como paralisadas. Destacamos então a importância dos princípios humanistas no cuidar das vítimas, a empatia no momento de ouvir a demanda do outro, possibilitar que o atingido tenha noção de sua experiência, pois isso lhe ajudará na resignificação da mesma, bem como acreditar na capacidade de crescimento humano rumo à autonomia e responsabilidade. Porque como frisado por Rogers, dado as condições favoráveis que vai desde o aspecto físico/material ao humano, o sujeito cresce pessoalmente mesmo em meio a dificuldade.

Destarte, apreendemos que numa situação de desastre e emergência os princípios humanistas colaboram para o acolhimento e minimização do sofrimento das vítimas, possibilitam condições para que o sujeito expresse seus sentimentos decorrentes da tragédia, assim como os compreenda e tome consciência destes. Em consequência dará o significado pessoal para a mesma, baseado na sua percepção.

## Referências:

- AMATUZZI, Mauro M. *Por uma Psicologia Humana*. ed.2. Campinas: Alínia, 2008.139.
- AUGRAS, Monique. O Ser da compreensão: Fenomenologia da situação de psicodiagnóstico. Petrópolis. Vozes, ed. 11, 2004.
- BRANDÃO, C.ARAUJO, S. F.D. MÁXIMO, L. L. Grupo com pacientes institucionalizados portadores de esquizofrenia: contribuições da Psicologia da saúde e da Psicologia humanista. In: Psicologia da Saúde: Teoria, intervenção e pesquisa. Alves, R. F. (Org). Ed. EDUEPB, 2011 Campina Grande.
- BRUCK, Ney Roberto Vátimo. A psicologia das emergências: um estudo sobre angústia pública e o dramático cotidiano do trauma. 2007.195 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - PUCRS, Fac. De Psicologia, Porto Alegre. 2007.
- BOCK, B. M. Ana; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, T.L. Maria. O Behaviorismo. In: Psicologias. São Paulo: Saraiva 1999, p. 41-52.
- BRASIL. Política Nacional de promoção da saúde. Disponível em: <[http://portal.saude.gov.br/portal/saude/profissional/area.cfm?id\\_area=1484](http://portal.saude.gov.br/portal/saude/profissional/area.cfm?id_area=1484)>. Acesso em: 28 de jun.2013.
- BOAINAIN, Jr. Elias. O estudo do potencial humano na Psicologia contemporânea: A corrente Humanista e a corrente Transpessoal. Disponível em: <<http://www.encontroacp.psc.br/estudo.htm>>. Acesso em: 30 de jun. 2013.
- BOTTESINI, Adail. Princípios humanistas existenciais. Disponível em: <<http://www.bottesini.com.br/psicologia/2011/08/29/principios-humanistas-existenciais>>. Acesso em: 30. de jun. 2013.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. *Manual Política Nacional de Promoção da Saúde*. Brasília: MS, ed.3.2010.60p.
- COÊLHO, E. L. Angela. A Prática da Psicologia em Emergências e Desastres: Perspectivas Sociais e Preventivas. Unipê. Disponível em: <<http://emergenciasedesastres.cfp.org.br>>. Acesso em: 16 de jun.2013.
- COÊLHO, E. L. Angela. Psicologia de emergências e desastres na América Latina: promoção de direitos e construção de estratégias de atuação. In: *Percepção de risco no contexto da seca: um estudo exploratório*. Brasília: CFP, 2011, p.32-49.
- CHEMELO E. Césio-137: A tragédia radioativa do Brasil. Disponível em:<<http://www.quimica.net/emiliano/artigos/2010agosto-cesio137.pdf>>>. Acesso em: 12 de jun.2013.
- CZERESNIA, Dina. Versão revisada e atualizada do artigo "The concept of health and the difference between promotion and prevention", publicado nos Cadernos de Saúde Pública (Czeresnia, 1999). In: Czeresnia D, Freitas CM (org.). Promoção da Saúde: conceitos, reflexões, tendências. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2003. p.39-53.
- CARVALHO, C. Aline; BORGES, Ilma. A trajetória histórica e as possíveis práticas de intervenção do psicólogo frente às emergências e os desastres. Disponível em: <[http://www.defesacivil.uff.br/defencil\\_5/Artigo\\_Anais\\_Eletronicos\\_Defencil\\_29.pdf](http://www.defesacivil.uff.br/defencil_5/Artigo_Anais_Eletronicos_Defencil_29.pdf)>. Acesso em: 12 de jun. de 2013.

CONSELHO, Federal de Psicologia. II Seminário Nacional de Psicologia em Emergências e Desastres. Disponível em: < <http://emergenciasedesastres.cfp.org.br/> >. Acesso em: 12 de jun. de 2013.

CONSELHO, Federal Psicologia. Psicologia de emergências e desastres na América Latina: promoção de direitos e construção de estratégias de atuação / Conselho Federal de Psicologia. Brasília: CFP, 2011, 100 p.

CONSELHO, Federal de Psicologia. Emergências e desastres. Disponível em: <<http://site.cfp.org.br/emergencias-e-desastres-2/>>. Acesso em 12 de jun.2013.

ELOI, Jorge. Luto cinco fases fundamentais. Disponível em: <<http://www.psicologiafree.com/curiosidades/luto-5-fases-fundamentais/#>>. Acesso em: 17 de jul. de 2013.

FARIAS, C.L. SCHEFFEL, R.T. e JUNIOR, S.J. *Atuação do Psicólogo nas Emergências e Desastres*. Joinville, 2011. Disponível: < <http://www.abrapede.org.br/>>. Acesso em: 06 de jun.2013.

FILHO, Thomé E. T. Psicologia humanista: Apontamentos sobre Psicologia Humanista. In: SIQUEIRA, Teresa C. B. *Psicoterapia Fenomenológica Existencial*. Disponível em: <[www.professorthometavares.com.br/](http://www.professorthometavares.com.br/)>. Acesso em: 14 de jan.13.

FUJISAKA, Ana Paula. *Vivência de luto em adultos que perderam a mãe na infância*. 2009. 235f. Teses (Mestrado em Psicologia)- Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2009.

FOLHA DE S.PAULO. Acervo folha. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/1961/12/20/2/>>. Acesso em: 16 de julho de 2013.

GILES, T.R. *História do Existencialismo e da fenomenologia*. São Paulo: EPU, 1975.

GOMES, M. de A. A. PAIVA, S. E. VALDÉS, M. M. T. FROTA, A. M. ALBUQUERQUE, C. M. *Fenomenologia, Humanização e Promoção da Saúde: uma proposta de articulação*, São Paulo, v.1, n.1, p. 143-152, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v17n1/13.pdf>>. Acesso em: 20 de jun.2013.

GIOVANNETTI, J.P. **Impactos das ideias humanistas, fenomenológicas e existenciais na psicoterapia**. Café de flores. s/d.

IBAMA. O estado dos desastres ambientais. Disponível em: <[www.uff.br/cienciaambiental/biblioteca/geobrasil/desastres.pdf](http://www.uff.br/cienciaambiental/biblioteca/geobrasil/desastres.pdf) > Acesso em: 29 de Mai. 2013.

KUENERZ, Berenice. *Psicologia Humanista Integral & Desenvolvimento Integral*. Disponível em: <<http://www.psicologica.tv/doisPontos/psicologia-humanista-integral-desenvolvimento-integral-com-berenice-kuenerz>>. Acesso em 10 de mai.2013.

KOVÁCS, Maria Júlia (Cord). *Morte e Desenvolvimento Humano*: São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992. Resenha de: CORRÊA, Ethienny. *Morte, Separação, Perdas e o Processo de Luto*. Acesso em: 29 de agos. De 2013. Disponível em: <<http://ethienny.wordpress.com/resenhas/morte-separacao-perdas-e-o-processo-de-luto/>>.

LEMOs Patrícia M.; CAVALCANTE JR, Francisco S. *Psicologia de Orientação Positiva: uma proposta de intervenção no trabalho com grupos em saúde mental*. **Revista Ciência e Saúde Coletiva**, 2006. Disponível em <http://www.cienciaesaudecoletiva.com.br>. Acesso em: março de 2007.

LIMA, Beatriz F. Alguns Apontamentos sobre a Origem das Psicoterapias Fenomenológicas. Rev. Abordagem Gestáltica, v.14, n.1, jun.2008.

LOPES, D. Cunha; et al. Gestão de Riscos e Desastres :Contribuições da Psicologia. Centro Universitário de Estudos e Pesquisas sobre Desastres UFSC: Cabeça ao vento, 2010.157 p.

LEFFA: Normas ABNT Citações e Referências Bibliográficas. Disponível em: <<http://www.leffa.pro.br/textos/abnt.htm#5.9.1.1>>. Acesso: 02 de jun.2013.

ROGERS, C; KINGET, G. A Noção-chave. In: Psicoterapia e Relações Humanas. Belo Horizonte: Interlivros, 1977. p.39-56.

RIBAS, C. C. Cíntia; FONSECA, C. V. Regina. Manual de Metodologia Científica OPET. Curitiba: 2008, 70 p.

RAMÍREZ, S. Desireé. Psicologia de emergências e desastres na América Latina: promoção de direitos e construção de estratégias de atuação. In: *Acompanhamento para reconhecimento de vítimas*. Brasília: CFP, 2011, p.64-71.

SILVEIRA, C. Maria. Psicologia de emergências e desastres na América Latina: promoção de direitos e construção de estratégias de atuação. In: *O papel do psicólogo como operador em emergências e desastres: contribuições para uma prática cidadã*. Brasília: CFP, 2011, p.72-84.

SCHMIDT, S. L. Maria. Plantão psicológico, universidade pública e política de saúde mental. *Estud. psicol.* Campinas. 2004, vol.21, n.3, p. 173-192. set/dez.2004.

TABOADA, G. N. LEGAL, J.E. MACHADO, Nivaldo. Resiliência: em busca de um conceito. Rev Bras Crescimento Desenvolv Hum Itajaí, v.16, n.3, pg. 104-113, set. 2006.

MACHADO, M. Geraldo. Psicologia Humanista. <<http://www.infoescola.com/psicologia/psicologia-humanista>>. Acesso em: 21 de Mai.13

MATTEDI, A. Marcos. A Abordagem Psicológica da Problemática dos Desastres: Um Desafio Cognitivo e Profissional para a Psicologia. *Psicologia Ciência e Profissão*. Blumenau, v.28, n.1, p.162-173, abr/set. 2008.

MARCOMINI, M. Talita. Impactos ambientais dos desastres naturais e saúde mental: uma revisão de literatura. Disponível em: <<http://www.faculdadeeficaz.com.br>>. Acesso em: 16 de jun.13.

MARTINS, S. V. Grasielle. Práticas psicológicas junto às vítimas em situação de emergências e desastres: reconstrução de seus espaços de vida e suas relações intrapessoais. Belo Horizonte, 2012.

MINISTÉRIO DA INTEGRAÇÃO NACIONAL; SECRETARIA NACIONAL DE DEFESA CIVIL. *Manual para a decretação de situação de emergência ou de estado de calamidade pública*. Brasília, 2007. 105 p.

MOREIRA, L. Ana Regina. *Algumas considerações sobre a consciência na perspectiva fenomenológica de Merleau-Ponty*. Natal, v.2, p.399-405,1997. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v2n2/a12v02n2.pdf>>. Acesso em: 20 de jul.2013.

PESQUISA, Sua.com. Renascimento cultural. Disponível em: <<http://www.suapesquisa.com/renascimento/>>. Acesso em: 28 de Mai.13

PEREIRA, F. F.L. CALDAS, T.M. Caminhos e descaminhos da fala na clínica psicológica: Uma perspectiva fenomenológica existencial. In: HENRIETTE T.P.MORATO, CARMEM L. B.

T.BARRETO, ANDRÉ P. NUNES (Coordenadores). *Fundamentos de Psicologia: Aconselhamento psicológico numa perspectiva fenomenológica existencial*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2012.

VENTURA, Raquel. Psicologia de emergências e desastres na América Latina: promoção de direitos e construção de estratégias de atuação. In: *Os impactos das emergências e dos desastres na política de Assistência Social*. Brasília: CFP, 2011, p.50-53.

YUNES, M. A. Maria. Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 8, num. p. 75-84, 2003.